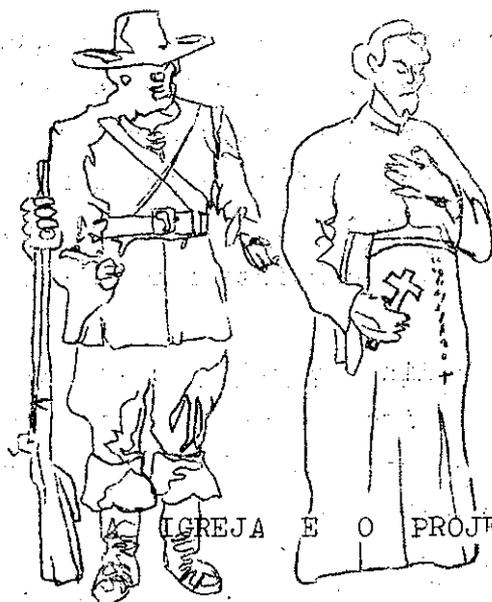


texto para Vª Assembleia de Cimi-SUL
Xapacó, maio (28-31) 79.

- 1 -

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. J1500058



A IGREJA E O PROJETO COLONIALISTA

A História da Igreja na América Latina, que começa a ser reescrita a partir de outro "lugar", que não o da própria Igreja colonialista, põe a nu o Catolicismo que "converteu" Povos Indígenas da América e que deixou raízes bastante profundas na Igreja do Continente. Essas raízes, que foram se cando à medida em que mudanças sociais ocorreram no Brasil e no mundo, permanecem presentes ainda hoje, em alguns lugares, através dos frutos que produziu e que a árvore (Igreja) ainda não derrubou para dar lugar a novos brotos.

e XVI

A Igreja Católica do século XV aliou-se à empresa expansionista / e ao projeto colonialista das Potências Europeias (Portugal e Espanha). / Nas palavras de Baêta Neves :

" A expansão Ocidental... supõe uma incorporação territorial, além da incorporação espiritual... a cristandade tem um gume temporal - o Imperador - e um gume espiritual - o Papa... O Império deveria ser uma imagem do Reino Celestial e o Imperador recebia uma investidura de poder daquele que cria o Rei dos Reis. Mas, antes de qualquer imperador ou rei, deveria estar / o herdeiro do trono do primeiro herdeiro humano de Cristo (Pedro)... " (1).

Assim, a Igreja se lança à conquista das almas que habitam as terras até então desconhecidas, ou seja, os missionários se lançam à conversão dos indígenas.

Sobre isso, assim se refere Egidio Vittorio Segna:

" Os colonizadores portugueses... consideravam a conquista do Brasil uma 'cruzada'. O povo português é o povo eleito por Deus para transformar o mundo no Reino de Deus. Rei, soldados, aventureiros e missionários estão unidos na grande missão... A conquista do Brasil transformou-se numa / guerra santa: os conquistadores estavam imbuídos do espírito guerreiro contra os inimigos da fé. Eles precisavam de instrumentos eficazes para poder conquistar uma colônia para Portugal e um Reino para Deus. Foi assim que a espada uniu-se ao altar: o espírito de conquista precisava da religião para 'justificar-se' " (2).

" Os juristas espanhóis elaboraram a teoria feudal pela qual o mundo se torna feudo do papa, representante de Deus. Em seguida se estabelece a relação de senhor-vassalo entre o papa e o rei, e entre o rei e os donatários, que recebem uma capitania. A mesma relação existe entre o rei e os senhores de engenho ou da fazenda. Na base da pirâmida está o escravo. É assim que o senhor recebe uma investidura para poder integrar ao novo sistema os índios e os africanos.

" A estrutura social estende-se em linha vertical : no alto Deus (e o papa) , o rei, o capitão, o senhor, embaixo o escravo. A relação inter pessoal dos brasileiros será marcada pelo esquema que só permite a relação de dominação e de superioridade. Se o Evangelho proclama e exige a fraternidade (Deus é Pai) e a igualdade dos homens, como será possível tal missão / em condições de opressão e de dominação ? Se a Igreja é antes de tudo comunidade, não será talvez contraditória a sua missão se ela não visa mudar as estruturas de dominação ?

" Apresenta-se, portanto, o problema da evangelização em relação / às estruturas sociais e políticas..." (3).

Conclusão:

" A conquista foi feita em nome da civilização e da cultura cristã (sic) portuguesa... Os ameríndios, os escravos africanos e seus descendentes, não conheceram a Boa-Nova de libertação que Cristo trouxe aos pobres e oprimidos..." (4).

A ALIANÇA IGREJA-PODER, NOS DIAS DE HOJE

Infelizmente, este tipo de Igreja não foi de todo suprimida, condicionando e mantendo em vigor ainda hoje, um tipo de missão neo-colonialista. É o que o teólogo Paulo Suess caracteriza como "Evangélio Missionário Pragmático" que, segundo ele, é o que " parte da pressuposição de que a causa indígena é uma causa definitivamente perdida.

" Por conseguinte, o missionário assume o papel de um administrador de falência. Como pelego eclesiástico (sic) ele suaviza os efeitos 'inevitáveis' da civilização galopante com suas frentes agrárias e militares... o missionário se torna agente de assimilação, que se propõe à total incorporação do grupo tribal à sociedade nacional, aceitando a perda da peculiaridade cultural e de identidade étnica dos povos indígenas...

" A meta real, fazer dos povos indígenas, caboclos assimilados, de termina os meios. ' Vamos dar ao índio uma boa educação nas nossas escolas para que saiba concorrer com o branco no mundo afora ! Vamos construir um posto de saúde como defesa contra as doenças dos civilizados (vamos ensinar-lhes higiene) ! Vamos planejar um projeto de agricultura , onde aprenda a trabalhar e a manobrar a maquinária de uma fazenda, para poder mais tarde

competir no mercado, Assim, ao menos não passa pior que os caboclos da região' .

" Semear justiça, neste projeto, significa: salvar a maloca (a aldeia) do 'pagamismo' pela catequese, libertar o 'selvagem' da 'ignorância' pela educação, redimir a 'improdutividade' dos selvícolas pelo trabalho, afinal, preparar os povos indígenas para receberem os maus tratos dos caboclos civilizados..." (5).

Um tal projeto missionário conserva as linhas básicas do tipo de atuação da Igreja colonialista, da aliança Fé-Império. Essa aliança, no entanto, muitas vezes se deve à ingenuidade dos missionários, que aceitam para si o papel de "instrumentos do sistema capitalista brasileiro" e assim, "favorecem o avanço dos latifundiários e dos exploradores de minérios e outras / riquezas", e engolem como bom para os indígenas, " um tipo de 'integração' que venha apenas transformá-los em mão de obra barata, avolumando ainda mais as classes marginalizadas que, no funcionamento do sistema de produção, enriquecem somente aos que já são ricos" (6).

Segundo Paulo Suess, "neste projeto pragmático, surge uma aliança de ação entre o poder estabelecido, interessado no desenvolvimento econômico... e o missionário civilizador". O Chefe do Posto faz questão que o missionário visite a sua Sede administrativa, símbolo do Poder e da Ideologia dominante. " A catequese é apenas tolerada (pela Funai) na medida em que há identidade de interesses nos outros campos e cobertura ideológica na pregação de ordem, moral, confiança progressista no 'país gigante' ", respeito à autoridade da Chefia do Posto e da Funai, etc (7).

" O missionário pensa às vezes, que faz ^{apenas} aliança estratégica para / poder anunciar a Boa Nova. Mas os serviços laterais civilizadores sufocam o 'único necessário'. O 'acima de tudo brasileiro' é incompatível com o 'em primeiro lugar o Reino de Deus e sua justiça' (Mt 6,33), porque nacionaliza a salvação. A aliança entre Missão (vigário, missionário) e poder estabelecido tem traços da camaradagem do cego que carrega o coxo; este indica o caminho para um hospital sofisticado dos aleijados. Lá o cego não entra. ' O missionário cumpriu sua missão; o missionário pode ir embofa '...

" O índio e o Evangelho poste em leilão de uma 'oferta especial' do dia. E a origem do dia é progresso e emancipação " (8).

IGREJA E REINO DE DEUS

Diante disso, e de toda a história da Igreja em nosso continente, cabe perguntar qual é a base teológica deste tipo de projeto missionário, deste tipo de Igreja, enfim,

Na expressão de Clodovis Boff, OSM, " a identificação Igreja = Reino (de Deus) foi uma tentação permanente da história da Igreja. à qual esta tantas vezes cedeu, Assim, a Igreja se atribui o monopólio da graça, da sal-

vação e do próprio Deus " (9).

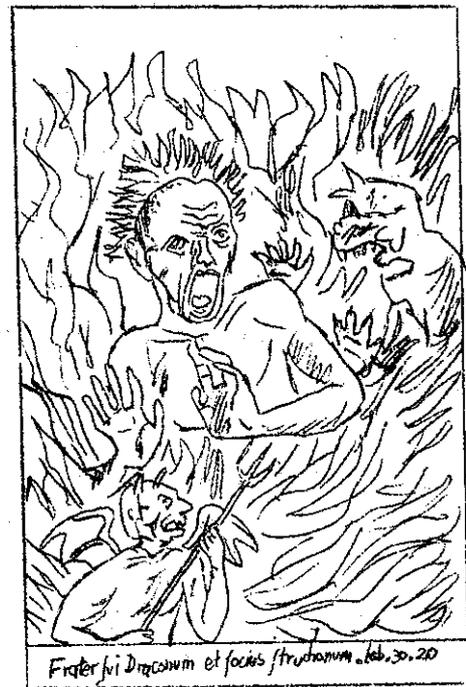
A identificação Igreja = Reino de Deus (diferente de Igreja = Sacramento do Reino, Sinal do Reino...) sustentou a idéia (o ideal) de Cristandade da Igreja Medieval. Todos os homens ^{deviam} pertencer à Igreja, porque só assim todos seriam salvos. A 'perfeita unidade' entre Igreja e Poder Temporal, a "harmonia" entre a Palavra de Deus e a organização social, política e econômica da sociedade, tudo isso dava à Igreja a feliz sensação de ver instaurado, já na Terra, o Reino de Deus. Sem dúvida, isso se deu às custas / de distorções e manipulações da mesma Palavra de Deus, do próprio Evangelho, obrigado a justificar até mesmo a Inquisição.

Nesse tipo de Eclesiologia se entende, então, com facilidade, a reação da Igreja ao movimento da Reforma. Na concepção católica medieval, a Reforma se explica de uma só maneira: "O Demônio toma de assalto regiões do próprio Ocidente através de suas figuras humanas: Lutero, Calvino, Melancton e outros " (10).

Assim, o que não estava dentro da Igreja Católica, estava fora da Salvação. Essa concepção de Igreja implica em que ela é o único meio possível de salvação, o único meio pelo qual o homem pode reconciliar-se com Deus e com seus irmãos.

No dizer de um teólogo, esta eclesiologia confunde distintas vocações: " A vocação de Salvação é de todos os homens (Deus quer que todos os homens conheçam a verdade e se salvem) . Porém, a vocação de ser 'salvador' , de ser como o Cristo, esta não é de todos, e quem a vive chamamos de cristãos ".

Hoje, portanto, distinguimos claramente Igreja e Reino de Deus como coisas distintas. Vários bilhões de seres humanos existiram antes de Cristo e, depois dele alguns bilhões já existiram fora das Igrejas cristãs. É certo que Deus não os privaria de participar do seu Reino, o / que indica que Deus tem outros meios além da Igreja, de "salvar".



JESUS E O REINO DE DEUS

O Reino de Deus é, pois, mais do que a Igreja: é extra-ecclesial e (também) ecclesial. O critério, para conhecer os que pertencem ao Reino, os que também constroem o Reino, são os de Jesus em Mateus 25,31ss: o juízo de definitivo (tive fome, e me destes de comer; tive sede e me destes de beber...) E Jesus não dá valor à assim chamada profissão ("de boca") de fé. Para Jesus, a profissão de fé em Deus se faz na prática, na maneira como se vive:

e este é o critério para a salvação. Haja visto a parábola muito clara dos dois irmãos enviados a trabalhar na vinha do pai (Mt 21, 28-32). O primeiro deles é um católico (como muitos) : é o que diz que crê, mas que não colabora na construção do Reino (muitas vezes, é um dos que dificulta este Reino); o segundo é, por exemplo, um dos que hoje se dizem ateus, mas que tem sua vida dedicada aos irmãos, à luta pela superação das estruturas injustas e desumanas, pela construção de um mundo justo e fraterno.

E é ainda Jesus quem diz: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos céus; mas o que faz a vontade do meu Pai, que está no céu" (Mt 7, 21).

E a vontade do Pai, a sua própria missão, Jesus expressa quando responde aos discípulos de João que foram ter com ele: "contem a João o que viram e ouviram: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa Nova é pregada aos pobres" (Mt 11,4s).

Por fim, Jesus não diz que devemos procurar, em primeiro lugar a Igreja, ou o fortalecimento da Igreja ou a expansão da Igreja. Ele diz, isto sim, "procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça" (Mt 6,33).

Nas palavras de Clodovis Boff, "confundir Igreja e Reino é hipostasiar o Reino na Igreja. Jesus é que é o Reino (Orígenes, Marcião); não a Igreja" (11). E também; "deve-se dizer que o espaço em que o Reino se realiza é o Mundo inteiro e toda a História e não a Igreja (somente), ou o tempo histórico que assinalamos com as duas letras: d.C. A cronologia e a geografia não têm valor determinante com relação a Deus. Admiti-lo seria superstição" (12).

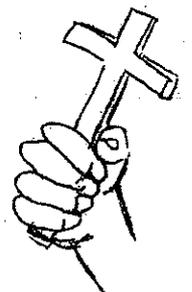
Como decorrência disso, claro é que não é a essencial função da Igreja a de ganhar adeptos, o que muito se defendeu a partir de Marcos 16,15s "Ide ao mundo inteiro, pregai o evangelho a toda a criatura. O que crer e for batizado será salvo, o que não crer será condenado".

Sobre esse envio pós-pascal, dos quatro Evangelhos, diz Clodovis Boff:

"...pode-se interrogar os pressupostos históricos e teológicos do referido envio. O recurso teórico à ordem imperativa do Cristo, isto é, à vontade positiva de Deus de salvar os homens na e pela Igreja pode resolver o problema pastoral, mas não a questão teológica. Pois a decisão da vontade não serve como argumento de inteligência. Na verdade, pode-se sempre perguntar: quis mesmo Deus isso? e, se o quis, por que o quis?"

"No sentido tradicional, missionar é cristianizar e cristianizar é eclesializar. O efeito histórico mais evidente temos-lo na cristandade medieval.

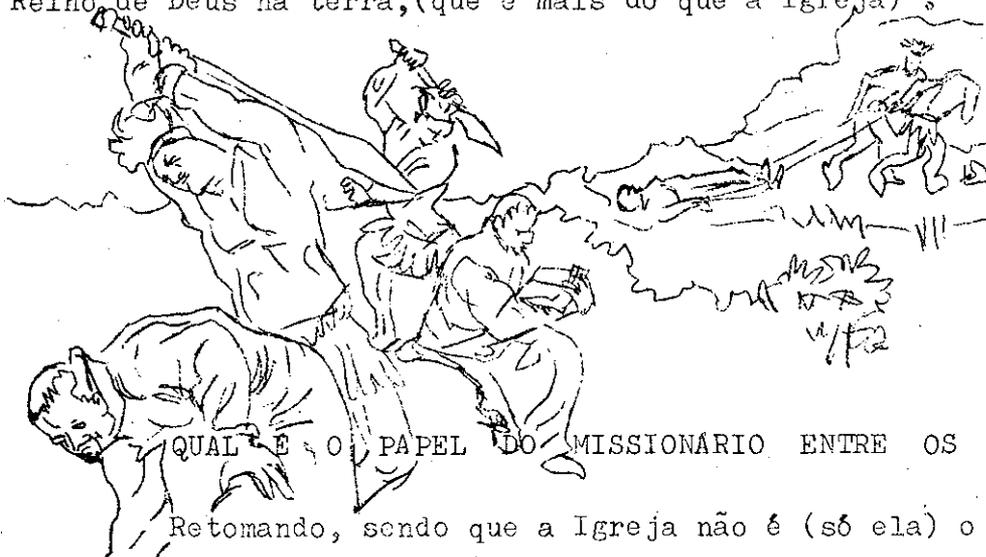
"A pergunta crítica a fazer é: qual é a missão da Igreja? Ora, a pergunta sobre a função da Igreja está



na dependência da pergunta sobre sua natureza ou sobre sua estrutura. Pois se a Igreja é o (único) meio da Salvação, então a função da Igreja inclui / necessariamente a própria Igreja, isto é, a eclesialização do mundo.

Por outro lado, " se se considera a Igreja como Sacramento-sinal (antes que como Sacramento-Instrumento) então sua função não é salvar, mas explicitar a Salvação e assim levá-la a termo, isto é, elevá-la ao seu nível re-reflexo, consciente, pleno" (13).

Na expressão de Gonzales Dorado, SJ, " a finalidade do Missionário é preparar a humanidade para que todos participem do Reino Escatológico Celeste. Como? Levando-os a participar do Reino Escatológico Terrestre, o / Reino de Deus na terra, (que é mais do que a Igreja)".



QUAL É O PAPEL DO MISSIONÁRIO ENTRE OS POVOS INDÍGENAS ?

Retomando, sendo que a Igreja não é (só ela) o Reino de Deus e que, portanto, não é o único meio da Salvação, concluímos novamente que sua missão maior não é a de angariar adeptos. Aliás, sempre que procurou fazê-lo foi em prejuízo da mensagem evangélica: o missionário contentava-se em conseguir o adepto, seu Batismo, sua conversão à Igreja, e não ao Reino; só se exigia dele o entendimento - se é que se exigia - da concepção sacramental - magia, própria da Igreja sacramentalista).

Sendo assim, qual deve ser a Missão da Igreja hoje junto aos Povos Indígenas ?

- 1) Angariar adeptos, converter ao catolicismo (luteranismo, etc), "salvar" os "índios" ?
- 2) " anunciar aos cativos a libertação e aos egos a restauração da vista" (Lc 4,18-19 - Is 61,1-2) ?

Creemos que não se coloca mais em discussão que o homem é ser uno, "corpo e alma, mas realmente uno" (GS 14), e que toda Salvação espiritualista, que não seja "libertação dos cativos" é uma pregação anacrônica, pois remonta ainda à Teologia Patrística (de categorias gregas). Nessa teologia sim, salvação cristã é "ir para o céu", "salvar a (tua) alma", enfim, aceitar que o mundo existe como está, que a maior parte da humanidade passa fome e é explorada: o que vale, no entanto, é " a outra vida", " salvar a (tua) alma".

No entanto, o primeiro conceito de missão da Igreja (l. Angariar / adeptos) está intimamente ligado a este tipo de teologia DESEN-CARN -ADA. Em contrapartida, a linha do Vaticano II pede aos cristãos um engajamento no mundo, na transformação da sociedade, na construção (já) do Reino de Deus, mundo justo e fraterno (que não se completa aqui, porém)-Ver, por ex, GS 72.

Assim, um engajamento junto aos Povos Indígenas, exige do missionário uma atenção especial para o fato de que entra em contato com Homens, e não Almas. Homens que tem necessidades vitais concretas, como a de comer, por exemplo. E mais ainda, deve ter consciência clara de estar entrando em contato com outro Povo, outra Cultura. O próprio Vaticano II demonstra essa preocupação, por exemplo, na Gaudium et Spes, 56 : " o que fazer para que os intercâmbios culturais mais frequentes, que deveriam levar os diversos grupos e nações a um diálogo verdadeiro e frutuoso, não perturbem a vida das / comunidades, não destruam a sabedoria dos antepassados e nem coloquem em perigo a índole de cada povo ? " (Ver também, GS 58: " a Igreja, enviada a todos os povos... não está ligada de maneira exclusiva e indissolúvel a nenhuma raça ou nação, a nenhuma forma particular de costumes e a nenhum hábito ...").

Nos parece que uma linha clara sobre qual o papel do missionário junto aos Povos Indígenas (como de todos os Povos) é dada pelo próprio Jesus, quando diz:

"Eu vim para que tenham VIDA e a tenham em abundância"(Jo 10,10).

À luz dessa palavra é que os bispos e missionários que assinaram o documento "Y-Juca-Pirama.O índio:aquele que deve morrer", assim se expressam:

"nós nos propomos, em primeiro lugar, a continuar uma esperançosa luta pelos direitos dos povos indígenas. Mesmo que todos os fatos nos incitem ao desânimo ou ao desespero, fazemos nossa a vontade dos nossos irmãos índios de viver e de lutar pela preservação de sua cultura. Não trabalhamos por uma causa perdida, porque se trata de uma causa profundamente humana, pela qual vale a pena até morrer, se preciso for".

Parece-nos que é dever dos cristãos, e mais ainda dos chamados Missionários (pelo que todo cristão o é), continuar a missão de Cristo. E para que os Povos Indígenas "tenham VIDA" (sobrevivam física e culturalmente) é preciso comprometer-se em sua luta pela TERRA, pela recuperação CULTURAL, pela sua AUTODETERMINAÇÃO (contra toda a dominação, exploração e paternalismo-assistencialista).

A partir daí, pode a Igreja talvez melhor entender sua missão no mundo e melhor servir à Humanidade e a Deus. Jesus nos dá o exemplo de conversão, de mudança, de aceitação do outro que muda a nossa vida, quando encontra a mulher cananéia (sino-fenícia de origem, diz Lc)-Mt 15,21-28. Os Povos Indígenas podem ajudar a Igreja hoje a converter-se, a recuperar o vigor da

Mensagem Evangélica e abandonar as tentações de poder, de grandiosidade, de estatísticas ("somos 700 milhões de católicos"). Eles podem ajudar a Igreja a recuperar sua condição de "sal da terra" e "luz do mundo" (Mt 5, 13s).

N O T A S

- (1) NEVES, Luiz Felipe Baêta. "O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios: colonialismo e repressão cultural". Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1978. p.28
- (2) SEGNA, Egidio Vittorio. "Análise crítica do catolicismo no Brasil e perspectivas para uma pastoral de libertação". Vozes, Petrópolis, 1977, p.15-16.
- (3) Idem, ibidem. p.18
- (4) Idem, ibidem. p.17
- (5) SUESS, Paulo. "Evangelizar: semear justiça para colher paz", in ~~BRANTIM~~, nº 5. Manaus, Cimi Reg. Norte I, Out/1978. p.2
- (6) "Y-Juca-Pirama. O índio: aquele que deve morrer"- documento de urgência de bispos e missionários. 25/12/1973.
- (7) SUESS, Paulo. Op. cit, p.3
- (8) Idem, ibidem
- (9) BOFF, Clodovis. "Comunidade Eclesial, comunidade política: ensaios de eclesiologia política". Vozes, Petrópolis, 1978. p.25
- (10) NEVES, Luiz Felipe Baêta. Op. cit, p.40-41
- (11) BOFF, Clodovis. Op. cit, p.30
- (12) Idem, ibidem, citando S. Weil, "Lettre à un religieux", Galimard, Paris, 1951, p.20 e 54.
- (13) Idem, ibidem, p.33

